

Um pobre coração rejeitado ***Billy Negão*: personagem da poética desencantada de Cazuzu**

Francisco José Neiva Lacerda

Criar poemas e canções é uma forma de fazer história. O texto participa da riqueza de elementos que caracteriza o momento em que seu autor o elabora. Então, dialogar criticamente com a obra poética de Cazuzu é uma forma de compreender e interpretar os anos 80 do século XX. Além da transição política que se vivia, com a lenta agonia da ditadura militar, o Brasil experimentou um período culturalmente muito rico, que teve como um de seus principais traços a forte tensão entre a esperança e o desencanto, levando parte dos artistas a trocarem a perspectiva utópica, que havia sido uma tendência dominante nas décadas anteriores, por uma postura algo diferente, caracterizada pela desconfiança.

Assim, repetia-se um dilema que tem marcado a poesia moderna desde o seu nascimento – o que contrapõe uma adesão entusiasmada a uma aguda frustração diante das idéias centrais da modernidade: o progresso e a revolução. Isso se explica, segundo Octavio Paz¹, pelo fato de a modernidade ser filha da idade da crítica, a Era das Luzes. Em razão disso, ela é capaz de tornar-se crítica de si mesma. Já entre os primeiros românticos, esta atitude está presente, em sua ambígua relação com a Revolução Francesa. Aderindo num primeiro momento aos projetos de transformação social, tais poetas não abrem mão de uma atitude de vigilância constante – uma atitude chamada por Paz, na obra citada, como sendo de “paixão crítica”. Do questionamento, chegam facilmente ao desencanto, a partir do momento em que os projetos revolucionários deixam suas contradições vir à tona.

Já na segunda metade do século XIX, período chamado por Eric Hobsbawm de “era do capital”², no qual a mentalidade burguesa avançou e se impôs, com seu apetite em transformar tudo em mercadoria, temos em Baudelaire a figura paradigmática do poeta que conhece como ninguém este mundo, move-se com facilidade por ele, percorrendo as ruas de uma Paris em rápida transformação, mas apresenta uma visão crítica que atinge o coração do sistema³. Para efeito desse exercício crítico, busca valorizar o lado obscuro da modernização, freqüentando a crua realidade das sarjetas. Dessa forma, elege o “trapeiro”, o catador de lixo como um de seus personagens diletos, usando-o como metáfora para afirmar o lugar do poeta na nova sociedade. Declarando sua opção pelo presente como tempo privilegiado de sua poesia, como

¹ PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 20.

² HOBSBAWN, Eric. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

³ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 17.

faria Drummond, no poema “*Mãos Dadas*”⁴, pratica uma forma peculiar de paixão crítica, mostrando-se capaz, ao mesmo tempo, de desfrutar e denunciar o espaço físico e os personagens urbanizados com quem convive.

A proposta central de minha pesquisa de doutorado, em andamento, é demonstrar a presença na obra de Cazuzza da postura de “paixão crítica”, ou seja, de uma atitude típica de um poeta moderno. Tendo composto sua obra numa época de mudanças, ainda que não se tratasse de um momento revolucionário, o poeta oscila entre aderir ao clima de confiança presente nas ruas e o mais agudo ceticismo.

A anistia política e o abrandamento da censura à liberdade de expressão, que eram marcas registradas da ditadura, deram aos anos 80 a aura de um tempo de esperanças. Contudo, o regime autoritário cedia terreno dentro de um quadro de grave crise social e econômica, marcada pela inflação, a dívida externa e a falta de políticas sociais consistentes por parte do governo e da sociedade civil, o que ajuda a explicar a perplexidade de parte da juventude, que não sabia o que teria pela frente.

Ao mesmo tempo, foi nessa época que o rock brasileiro ganhou força – novas bandas surgiram, um público consumidor se consolidou. Entre as novidades estava o Barão Vermelho, com seu rock de garagem, sua proposta de radical simplicidade, em que havia um pouco do “do it yourself” do movimento punk: muito volume de som com pouca sofisticação técnica. Uma postura estética de comunicação fácil e direta com o público⁵.

Cazuzza fez parte do grupo até 1985, por coincidência o ano em que chegou ao fim o mandato do último general-presidente. Contudo, a canção que ora nos importa faz parte do repertório do primeiro disco do Barão, gravado em 1982 – Billy Negão⁶:

Eu conheci um cara num bar lá do Leblon
Foi se apresentando “Eu sou o Billy Negão”
A turma da Baixada sabe que eu sou durão
Eu só marco touca é com o coração.

Bati uma carteira pra pagar o meu pivô
Sorri cheio de dentes para o meu amor
Ela nem ligou, foi me chamando de ladrão
Pega ladrão! Pega ladrão!

O que havia sido concebido pelos músicos Guto Goffi e Maurício Barros para ser uma homenagem ao bandido norte-americano Billy the Kid, ganhou um tempero carioca pelas

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 55.

⁵ DAPIEVE, Arthur. *Brock – o rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

⁶ CAZUZA. *Preciso dizer que te amo*. Todas as letras do poeta. São Paulo: Globo, 2001.

mãos de Cazuza. Por sua iniciativa, a influência da contracultura anglo-americana aclimata-se aos trópicos. Nasce então um personagem único, bem longe da figura típica dos foras-da-lei hollywoodianos, uma vez que, apesar de sua fama de durão, ele não tem o menor constrangimento em admitir o seu ponto fraco, estando marcado para o insucesso em sua aventura amorosa.

O local em que se dá o encontro entre a voz lírica e seu protagonista é o Baixo Leblon, zona boêmia das classes média e alta. Sem dúvida, há um motivo a mais para que a personagem fracasse. Conhecemos a história da urbanização do Rio de Janeiro, ao longo do século XX. Desde a reforma de Pereira Passos, há uma sistemática de estabelecer uma rígida estratificação social na divisão do espaço da cidade, ficando a orla oceânica (Zona Sul e, mais recentemente, a Barra) reservada para os segmentos privilegiados da população. A praia é reconhecida como principal espaço de lazer da cidade, e por isso mesmo reservada para poucos. Contrariando essa regra, Billy Negão deixa a sua Baixada Fluminense e aventura-se em território alheio. O poeta identifica-se com sua dor, ao mesmo tempo em que marca com tom documental a realidade em que ele vive. O bandido, idilicamente apresentado, é um instrumento através do qual o texto denuncia as contradições sociais à sua volta, ao mesmo tempo em que desafia o público a prestar atenção em alguém que não costuma ser levado a sério.

Para se avaliar a atitude da personagem, é preciso considerar os altos custos de um tratamento dentário, ao mesmo tempo em que a sociedade impõe seus padrões de “boa aparência”. A isso devemos somar o fato de Billy ser negro, num país de racismo velado, mas implacável. Portanto, o fracasso de Billy não se deve à sua inabilidade na arte do galanteio, mas à sua condição social, realidade que está por trás de sua opção pelo furto como meio para tornar possível investir em sua imagem. Tal iniciativa adquire especial relevância crítica pela maneira como é narrada. A naturalidade com que a personagem se refere ao furto indica que em seu código de valores a propriedade privada não é tida em grande apreço. Não o move uma ética burguesa. A aproximação deste rock de Cazuza com o samba malandro⁷ é notória, não dispensando nem mesmo o breque, que ocorre no momento em que o protagonista perde a liberdade, com a chegada do camburão. Até ali, a canção andara em ritmo acelerado; depois, passa a uma cadência mais lenta, à maneira de um blues tradicional, enquanto o intérprete lamenta:

⁷ Para efeito da qualificação do “samba malandro”, utilizamos as considerações de Cláudia Matos, em seu artigo “Dicções malandras do samba”. In: MATOS, Cláudia; TRAVASSOS, Elisabeth; MEDEIROS, Fernanda. *Ao encontro da palavra cantada: poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

Billy dançou, dançou coitado! Billy dançou, dançou foi baleado
Billy dançou, coitado! Billy dançou, foi enjaulado
Foi autuado, enquadrado, condenado
Um pobre coração rejeitado.

Como vemos, bem antes de pensar em deixar o Barão Vermelho, Cazuza já iniciara suas experiências no sentido de aproximar o rock de outros ritmos. Mas é principalmente pela conduta de seu protagonista que podemos aproximar esta canção do samba malandro. Bem longe de aceitar a condição de marginalizado de forma passiva, Billy é alguém, tem voz ativa, dividindo com o narrador a tarefa de conduzir a narrativa. Além disso, sua maneira de relacionar-se com a sociedade caracteriza-se pela leveza, pela sinuosidade, ou para usar uma expressão do próprio repertório popular, pela ginga com que transpõe fronteiras e desafia os limites demarcados para os desprivilegiados. Billy é procurado pela polícia, mas apresenta-se bem vestido. O próprio furto, como vimos, fora um artifício utilizado para melhorar sua aparência.

É bem verdade que o samba malandro vigorou entre as décadas de 1920 e 50, em contexto histórico bem diverso do que temos na época em que a canção de Cazuza veio a público. Claras diferenças contextuais precisam ser levadas em conta, dando à aproximação que estamos fazendo um caráter relativo. No começo dos anos 80, o processo de crescimento do Rio de Janeiro se encontrava em estágio bem mais adiantado, bem como se aprofundara a distância entre os universos de referência das elites e das classes desfavorecidas. Ao sair da Baixada para paquerar na Zona Sul, Billy transpunha uma barreira com a qual os velhos malandros jamais sonharam, mesmo se levarmos em conta que ele tenta a sorte num reduto boêmio. Após décadas de explosão urbana desordenada e injusta, a barra estava bem mais pesada, com a situação já apontando para o impasse que vivemos hoje.

Feita tal ressalva, fica claramente demarcada a pertinência de se considerar o que há de comum entre a canção em apreço e todo o rico universo da malandragem. A chegada dos agentes da ordem interrompe um diálogo que prometia. O narrador, supostamente um habituê do Baixo, portanto, um boêmio de classe média, dava voz a um personagem vindo do outro lado da cidade, um indivíduo socialmente excluído. Corria o ano de 1982. Para se aquilatar todo o alcance crítico da canção, deve-se considerar que, naquele momento histórico, a ditadura estava se desfazendo, mas a memória de seus piores dias ainda estava presente. Além de velha inimiga dos malandros, a polícia era responsável por dispersar qualquer tipo de manifestação. O discurso de Billy Negão era importante não apenas para ele próprio, mas, sobretudo, para seu interlocutor. Mas este, tanto quanto o malandro, se viu

condenado ao silêncio. O fato de também ter sido ludibriado, ficando sem dinheiro e com uma conta para pagar não elimina o fascínio que sente o personagem narrador pela curiosa figura que conhecera.